

# “A pior crise é a da existência no sentido da desistência”

Por Cleonildo Mello



*“É triste, mas o caos, a incerteza e a aleatoriedade existem. O mundo é regido por eles. Por isso, crise não é uma exceção à ordem. A crise é constante”. A afirmação é de Júlio Pompeu, filósofo e professor de Ética da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), convidado a proferir a palestra de abertura do Congresso de Iniciação Científica da FARN, abordando o tema “O pensamento moderno e a interpretação da crise na sociedade contemporânea”. Ele fez uma explanação, com base em pensamentos filosóficos clássicos e modernos, das crises que assolam a sociedade e indivíduos, além de mostrar como a filosofia pode contribuir com a ciência.*

*Segundo Júlio Pompeu, a explicação de vida plausível e ordenada só seria possível se fosse possível tirar férias da vida. Em entrevista à revista **Novas Ideias**, o filósofo fala sobre os modelos da sociedade e critica a ênfase ao consumo. Confira.*

## **Filosofia e ciência precisam andar lado a lado?**

A ciência avançou muito com uma visão calculada do mundo, mas, enquanto isso acontecia, ela perdeu boa parte da capacidade de crítica, de reflexão teórica. Eu creio que esse encontro com reflexão teórica é o que a filosofia pode dar de contribuição. Enquanto a ciência se julga arte das respostas, a filosofia é a arte das perguntas.

## **A crise deve ser encarada como um desafio à superação?**

Em primeiro lugar, a crise é pensada como exceção à regra, um momento que aparece às vezes. Mas o que o pensamento moderno mostra é que a crise não é exceção à regra. É a regra. A ordem sequer é exceção porque crise é uma falta de ordem sem exceção. A vida é movida pelo caos, pela aleatoriedade, pela incerteza. Isso faz que todo dia seja de superação da existência, frente à incerteza, frente à inconstância. Cada dia de vida bem vivido é uma superação, só que a gente se aliena na própria vida e com as pequenas conquistas do cotidiano.

## **O senhor acredita que o fato de o Brasil ter contido a retração**

## **econômica trouxe algum reflexo para nossa autoestima?**

Com certeza. O Brasil vive um grande momento ufanista. A gente aprendeu a resumir a espinha dorsal da existência política, da existência coletiva, à questão econômica. A grande vitória do Marxismo é afirmar que a economia é a infraestrutura da história. Só sentimos quando a crise é financeira. Temos tantas outras crises... Crises culturais, crises existenciais o tempo todo. Mas você se sente apequenado, como se a única coisa que importasse fosse a economia.

## **Isso não é culpa do padrão capitalista no qual estamos inseridos?**

Nos seus aspectos pontuais, sim, mas, na infraestrutura dessa ideia não, pois quem pauta a economia como centro do universo não são os liberais. São os marxistas.

## **Essa autoestima conquistada de alguma forma direciona as nossas condutas?**

Com certeza. Segundo Maquiavel, o que move o homem é o desejo. A gente só tem desejo pelo que não temos. Só se deseja na falta e não se deseja aquilo que se já tem.

## **Mas isso contradiz o pensamento de Maquiavel...**

Exato. Maquiavel não trata o desejo como essa falta cega. O desejo, para ele, enxerga. A razão seria esse olho que enxerga coisas para além do desejo e essa mesma razão temperaria os desejos. A plausibilidade de você realizar o desejo é o que o torna mais intenso. Então, o rico, para Maquiavel, é mais desejante. Já o pobre, como não tem nada, quanto menos tem, menos pode ter. Então, só lhe resta o conformismo. No caso do brasileiro, quanto mais ufanismo, mais ele deseja. Isso nos torna mais impetuosos.

## **Na sua opinião, qual a crise mais danosa para a sociedade?**

O difícil é listar. Mas, da mesma forma que Marx achava que a economia era a base de tudo, eu acho que o homem é a base de tudo.

Economia é o que a gente inventa. Quando a humanidade está em crise de uma forma existencial, de modo que as pessoas não conseguem mais atribuir sentido e valor à existência, eu acho que essa é a pior das crises. Se levarmos radicalidade aos tempos modernos, nada tem sentido e valor, nem a vida. Mas não somos capazes de viver uma vida sem sentido. A gente atribui sentidos que são precários, efêmeros, passageiros, que vão entrar em crise para amanhã nascerem outros. Se sairmos desse ciclo, é como se a gente desistisse de viver. Essa é a pior das crises. É a crise da existência no sentido da desistência.

### **O homem atravessa mesmo uma crise de seu padrão de masculinidade diante de uma mulher, por vezes, feminista?**

O que acentua essa crise não é uma questão de preferências sexuais. É uma questão de hierarquia social. O homem tinha um papel hierarquicamente superior à mulher na sociedade. O homem mandava nos filhos e mandava na mulher. Quanto mais o movimento feminista avança e quanto mais as mulheres pedem igualdade, mais o homem se indigna. Não é uma crise do que ele vai fazer na cama, mas uma crise

### **Estamos numa época de maior consumo, que é o período do natal. Como o senhor vê essa questão do consumo exacerbado?**

Da mesma forma que o cristianismo medieval tem como símbolo a cruz, a vida pós-moderna tem como símbolo o consumo. Esse é o grande espírito. O consumo no qual você é convidado não a comprar determinado produto, mas a ser uma pessoa diferente. A marca de seres não que podem revolucionar a própria existência, mas que têm o dever moral de seguir a moda.

### **Essa ênfase exagerada corrompe o sentido de ser e a essência da vida?**

Acho que ela é entrustecedora. Para se viver o ritmo do consumo, requer uma série de condições econômicas que nem todo mundo tem. É como se a vida obrigasse você a correr atrás, como um burro com a cenoura na testa, de uma cenoura que você nunca vai alcançar e, com o tempo, vai ficando mais difícil de atingir.

### **Isso nos torna pessoas mais infelizes?**



do que se vai fazer na vida social de um modo geral. Isso é uma coisa mais resolvida, pois há mulheres que exigem esse macho antigo.

### **Então, há contradições nesse discurso?**

Não. O fato de ser homem não quer dizer que ele é machista, nem o fato de ser mulher a transforma automaticamente em uma feminista. Vivemos numa sociedade que tem modelos antigos de papel social do homem e da mulher, que tem se tornado cada vez menos sustentável em nome de uma igualdade, que a gente não sabe bem lidar com ela. O pior momento é o da transição do modelo de relação social, em que o masculino e o feminino teriam novos papéis. Mas não sabemos muito bem quais são esses novos papéis.

### **O senhor defende que vivemos em meio ao caos...**

Vivemos no caos, mas lutamos contra ele o tempo todo. E a luta pressupõe construir sentidos e valores precários para a existência.

Isso nos torna seres com perspectivas de se tornarem descartáveis todo dia. O importante não é a empresa, é a empregabilidade. E não é uma questão de comprar bens materiais. Você tem que ser jovem a vida toda. Cobram de você a juventude. É imperativo ético: manter a potência! Culpam você por falta de amor próprio se não vai à academia, se está acima do peso, se você não faz plástica. Todo mundo pode ser jovem menos os jovens. O adolescente é visto como um problema. É que o jovem tem todas as condições físicas de viver o ideal de vida do homem que vendem por aí e que faz parte do consumo, que é a juventude. Então, para tornar a competição com o jovem mais tranquila, apequena-se a juventude do jovem e potencializa-se a juventude de fachada. As pessoas não vivem os momentos da vida. Vivem como se a vida fosse um único modelo da moda, que é a juventude, enquanto existem belezas e tristezas na infância, na juventude, na vida adulta e na velhice.